

PODER DA MULHER AFRICANA NO NÍGER NO FILME DE MED HONDO

Rosivalda dos Santos Barreto*

O filme resenhado venceu o prêmio Fespaco em Burkina Faso no ano de 1987 e foi dirigido pelo cineasta Med Hondo. Nascido na Mauritânia é senhor de uma trajetória marcante como cineasta, teatrólogo, ator e dublê de voz. Teve passagem importante pela TV onde produziu duas séries, uma em 1967 e outra em 1990. Seus trabalhos são significativos por analisar os períodos colonial e neocolonial africano. O motivo pelo qual apresento uma breve biografia do cineasta é estar ciente da situação excludente e invisibilizada do cinema e cineastas africanos no Brasil. Sem tirar o mérito das obras cinematográficas brasileiras que retratam o negro brasileiro destaque que essas não descrevem, por certo, a complexidade da cultura de base africana brasileira.

Os filmes africanos questionam os conflitos e põem em debate a arte que se tornou objeto de consumo; a cidade e a aldeia, a mulher ocidentalizada e a que respeita as tradições, medicina moderna versus tradicional e a arte endógena como mantenedora da identidade cultural, o que está imanente no filme *Sarraounia*. E existem os que criticam a educação ocidental como promotora da perda de identidade

A película *Sarraounia* mostra a saga do povo Azna, atual Níger, na África, no final do século XIX. Mulher africana de poder e coragem, Sarraounia foi capaz de enfrentar e submeter o exército francês nas investidas coloniais dessa região, quando imprimia uma ação genocida, concomitante ao Islã que tentava se impor naquele momento. Temida e respeitada pela sua magia procedeu com lucidez, segurança, inteligência e flexibilidade na liderança do povo Azna. É digno de reflexão, na película, sua educação rica nos conhecimentos militar, social, fitoterápico, contraceptivo, religioso e da arte impressos pelo seu tutor, o que mostra que ela nasceu para reinar e agir politicamente diante as intempéries da vida.

A trama nos mostra a capacidade de liderança feminina africana silenciada no processo civilizatório da humanidade e na sociedade moderna. Onde realça a busca pela manutenção da honra de um povo como objeto motivador da resistência, a valorização de nomes de personagens importantes, marcantes e dignos de permanecerem nas memórias das gerações futuras e um

* Professora da rede estadual de ensino do Estado da Bahia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialização em História Social e Cultura Afro-Brasileira, Metodologia do Ensino da Educação Física e do Ensino Superior.

marcador para a manutenção da identidade do povoado, o que nos faz ver a incapacidade de os africanos se submeterem e a valorização da ancestralidade.

Sua chefatura é marcada pela capacidade de conviver com pessoas de hábitos, crenças, valores diversos. Isso se torna um exemplo e lição de respeito à diversidade, à dignidade, à humanidade, à solidariedade porque era diversa a tradição religiosa africana de seu povo naquele território em convivência com o Islã, que era outra ameaça constante ao equilíbrio dos Azna. O exercício da democracia da rainha logrou apoio e motivou a deserção de alguns praticantes islâmicos que saíram em seu auxílio na luta de resistência ao exército francês. Também por compreender o significado da presença francesa e a ameaça desastrosa do seu exército.

Evidenciou-se nessa narrativa fílmica a negociação em nome da sobrevivência de muitos. Isso numa tentativa de fazer cessar a incursão francesa onde se observa a valoração de alguns objetos e seres para o povo Azna e o europeu. Enquanto o primeiro oferece uma galinha para abrandar a violência do exército francês, a rainha veste roupas ornadas a ouro como valor sentimental, o segundo tem no ouro, nos objetos, nos seres e no território o objeto de conquista, submissão e desenvolvimento econômico.

A morte não se caracterizou como empecilho e sim aquisição da honra com valor incalculável, representando para as gerações posteriores a preservação da memória e a imortalização dos líderes e do povo devido à sua coragem. Isso demonstra a importância na manutenção da memória e tradição, dos feitos heroicos e valorização da história para a unificação de um povo.

A obra cinematográfica expõe o contraponto entre a fé do povo Azna e a dos franceses, que sucumbem à magia de Sarraounia. É marcante durante toda a trama o temor ao Deus N'komo pelos negros componentes do exército francês, um sinal de temor inabalável à magia e respeito à sua própria cultura, assim como a evocação dos deuses por Sarraounia para protegê-la nas guerras. Por essa razão, os soldados franceses desistem da invasão do território, assim como os soldados africanos que em dado momento se conscientizam de sua postura em relação ao seu povo e se rebelam contra o poder francês que lhes oferecia riqueza, mulheres, cabra, poder e dominação, contudo o testemunho maior era a tentativa de ridicularizar a crença religiosa do povo africano. O desrespeito ao africano é incisivo nessa película visto que a deserção tinha duas formas de ser tratada. No caso do africano a punição era a morte e o soldado francês era o retorno para o Sudão.

Notadamente o incentivo à discórdia disseminada pelo comandante francês Paul Gustave Lucien Voulet, concomitante à sua insanidade quando da desistência dos soldados à perseguição a

Sarraounia, esse promoveu todo o tipo de suplício incluindo assassinato aos feridos, ato nunca praticado por Sarraounia, jamais abandonando um ferido no seu recuo para a floresta quando estrategicamente deixa vazio seu povoado e sua fortaleza na ocasião da invasão dos franceses deixando-os perplexos.

Destaca-se a percepção do comandante francês analisando o sistema servil africano. Em suas reflexões conclui que esse tipo de escravidão não corroborou tática nem estrategicamente para a dominação do povo Azna. Evidentemente essa população não conhecia o cativeiro desumanizador, indigno, genocida, insano, desagregador e desrespeitoso com as tradições africanas, assim como os mulçumanos daquele território foram capazes de perceber que, mesmo com suas incursões que objetivavam a conversão do povo Azna, não conheceram tamanha violência mesmo diante da insubmissão da rainha.

Este filme é fundamental e precioso para uso pedagógico e propõe a descolonialidade das mentes e dos saberes. Primeiro no que toca a extrair do anonimato o significado da liderança feminina africana numa sociedade que se manifesta perspectivamente pelo poder masculino e mentalidade eurocêntrica. Segundo mostra a violência, racismo e o crime contra a humanidade perpetrado no processo colonial contra o africano. Terceiro mostra a cosmovisão e as tradições africanas que traz em si a prática e o exercício da cidadania de uma liderança que respeita a ancestralidade e o aconselhamento do mais velho representado pela hierarquia onde o se que sobre-eleva é a experiência. Quarto mostra que a invisibilização do cinema africano tira a possibilidade de nos aproximarmos à história da África no que diz respeito a não aceitação passiva ao colonialismo, as estratégias de enfrentamento das populações africanas ao poderio colonial e ao poder da mulher africana. O último ponto de destaque é que no filme se identifica a presença de cantores, músicos e musicistas que certamente são responsáveis pela preservação da memória positiva africana.

Essa desatenção pela cinematografia e dramaturgia africana pode se caracterizar por uma manifestação de racismo que impossibilita o conhecimento da história africana através do cinema africano e dos seus cineastas.

SARRAOUNIA

Ficha Técnica:

Filme: Sarraounia.

Ano de realização: 1986.

Diretor: Med Hondo.

Produtor: Med Hondo.

Roteiro: Med Hondo, Abdoulaye Mamani e Abdoul War.

Gênero: Drama Histórico (baseado em fatos reais).

Coprodução: Burkina Faso, Mauritania e França.

Idiomas: Dioula, Peul (Fula) e Francês.

Trilha sonora: Pierre Akendengue Abdoulaye Cissé Issouf Compaore (actuó en el filme).

Atores principais: Aï Keita (Sarraounia), Jean-Roder Milo (Capitán Voulet), Féodor Atkine (Capitán Chanoine) e Tidjani Ouedraogo (Coulibaly).

Prêmios: Gran Premio Etalon de Yennega no X Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou (FESPACO), Burkina Faso, 1987.

Duração: 120 minutos.